

EDITORIAL

Não vivemos para a escola, mas para a vida.

A primeira Revolução Industrial incutiu na maioria das pessoas a associação entre educação e trabalho, como se este resumisse a única finalidade daquela, e assim a Escola formaria apenas profissionais ao invés de cidadãos, ou seja, prepararia para o mercado de trabalho, mas não para a vida inteira.

Deixando-se de lado por ora àquelas escolas que não formam nem uma coisa nem outra, mas contribuem para a deformação de muitos, o elevado desemprego dos tempos modernos e, por sua vez, a baixa remuneração dos trabalhadores, nem todos profissionais, são fatores tendentes a suportar ao menos parte do argumento inicial, além da falsa premissa de que o estudo não compensa. Ora, se a empregabilidade já apresenta dificuldades para quem estudou, elas se avolumam numa relação inversamente proporcional aos anos de escolaridade de quem estudou pouco.

De nossa parte, acreditamos que os verdadeiros profissionais encontram-se em permanente e contínua formação; são como tarefas inacabadas e que extrapolam os muros acadêmicos, mas estes têm a obrigação de lhes fornecer um alicerce edificante à dignidade pessoal e profissional, à prática da cidadania. Nesses termos, almejamos qualificar recursos humanos, preparando-os adequadamente para o mercado de trabalho, mas também para o engrandecimento pessoal.

Foi com estas idéias que se estruturou o curso de Relações Internacionais da Faculdade de Belas Artes de São Paulo, sendo depositário de um excelente projeto pedagógico, um quadro docente altamente qualificado e uma moderna infra-estrutura de apoio que somados, constituem fatores indispensáveis à excelência no ensino e na formação de qualquer profissional.

Não foi mero acaso que cada um dos três itens acima tenha obtido conceito “A” do MEC, deixando-nos satisfeitos, todavia jamais acomodados, face à consciência de que vencemos uma batalha, mas a guerra está apenas começando.

Estamos seguros da vitória também em outras batalhas ulteriores, traduzidas por exemplo pela formação de bacharéis em Relações Internacionais qualificados para analisar, interpretar, sugerir, cooperar, enfim, dialogar com a sociedade internacional, intentando torná-la mais justa e menos assimétrica.

Tal segurança advém das armas de que dispomos para lutar e algumas delas já foram aqui delineadas. Advém ainda da garra, da competência e do apoio técnico e administrativo provenientes da Comunidade Febspiana que a Belas Artes acolhe. Louve-se também o esforço e a boa vontade para com o curso de Relações Internacionais, emanados pela direção da Faculdade, desde os momentos iniciais de sua implantação.

Vol. 1 – nº1, 2002

Como para nós a prática sem teoria é curandeirismo, enquanto teoria dissociada da realidade é diversão acadêmica, a praxis das relações internacionais no curso da Belas Artes resultará na trilogia ensino, pesquisa e extensão. A propósito, a pesquisa científica já se fará presente a partir do terceiro semestre letivo.

E consonante à interdisciplinaridade subjacente às relações internacionais, primaremos pelo pluralismo e respeito à diversidade nas mais distintas instâncias; respeitaremos os limites impostos pela ética, justiça e legitimidade.

Imbuídos desse espírito e motivados pelo sentimento de equipe, conformando uma corrente em que cada elo se nutrirá dos esforços emanados pelos demais, não mediremos esforços para ratificar a missão, a concepção e os objetivos a que o curso de Relações Internacionais da Belas Artes se propôs.

Raimundo Ferreira de Vasconcelos

Editor Responsável